



Efeito bumerangue

Hoje, mais do que nunca, tudo que vai deve voltar: o crescente segmento de logística reversa aumenta a eficiência desse fluxo de produtos



PREOCUPAÇÃO AMBIENTAL E ACENTUADA cobrança em relação aos comportamentos de consumo e adequados processos produtivos mobilizam empresas na busca de um destino apropriado de seus produtos depois de utilizados ou mesmo invalidados. Durante o 4º Encontro de Logística Reversa, evento realizado no início de junho passado, em São Paulo (SP), o professor e engenheiro Paulo Roberto Leite, presidente do Conselho de Logística Reversa do Brasil (CLBR), foi enfático ao afirmar que a área dedicada à logística reversa tende a crescer significativamente no Brasil.

"O acelerado crescimento da produção em geral e produtos com ciclos de vida cada vez mais breves aumentam a quantidade de itens que devem retornar. Em consequência, dois aspectos ganham vital importância na relevância da logística reversa", comenta o professor. "Aos produtos ainda não consumidos, é necessá-

rio adequar seus volumes às necessidades da empresa, seja pelo aspecto econômico, pela prestação de serviços, imagem institucional ou aspecto legal. Na outra ponta, as mercadorias já consumidas, exigem cada vez mais das companhias uma maneira de equacionar os retornos e os destinos destes itens".

Há, no entanto, um longo caminho a percorrer, sobre o qual se preveem medidas estruturais adequadas a fim de seguir com operações mais responsáveis. De acordo com Marcelo de Sousa, diretor de logística da T Gestiona, empresa do Grupo Telefônica, existe um Plano Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) a ser discutido nas esferas do poder público. O documento originado de lá, além de classificar os tipos de substâncias, regimentar seu posterior tratamento e atribuir responsabilidades a produtores e consumidores finais, também definirá o modelo de logística reversa, pos-

sivelmente aquele no qual o gerador responderá pelo destino final de seu produto após o consumo. "A política de resíduos sólidos ainda depende de aprovação pelo Senado Federal e posterior regulamentação, mas a expectativa é muito boa", lembra o executivo. "Com o segmento organizado, empresas e governo deverão se unir na busca de soluções logísticas eficientes e menos custosas. Certamente, aumentará o número de consumidores mais conscientes a respeito dos benefícios relacionados à sustentabilidade e responsabilidade social", resume.

Segundo Sousa, é cada vez mais comum o surgimento de empresas interessadas em aproveitar economicamente cada etapa do processo, como coleta, tratamento, transporte e destinação. "O crescimento (das empresas) virá com regulamentação e maior conscientização da população, que exigirá dos fabricantes e comerciantes

ações efetivas em todo o ciclo de vida dos produtos, da produção ao destino final", acredita o diretor da T Gestiona. "Ainda precisamos de mais alguns anos de aprendizado, mas quem começar antes estará mais preparado para o futuro".

O País ainda carece de números oficiais que dimensionem o universo de companhias que atuam com logística reversa. Mas o papel que assumem diante da sociedade e da cadeia produtiva não tolera mais justificativas inconsistentes. "Desde já as empresas precisam cuidar do retorno de sua produção, com maior ou menor importância em função do valor agregado, dimensões geométricas, composição da embalagem e do produto, dificuldades de coleta e transporte", destaca o representante da CLBR. Ele lembra alguns exemplos que já se sobressaem no mercado, principalmente organizações que possuem boas práticas nas áreas de assistência técnica e serviços de pós-venda: "Destaco as iniciativas de algumas companhias de comércio eletrônico".

A proliferação das operações de logística reversa também esbarra em um ponto crucial: lucratividade. Segundo o diretor da T Gestiona, devido ao baixo volume de retorno de produtos na atividade, é difícil obter resultados econômicos satisfatórios. "As empresas envolvidas no processo – fabricantes, distribuidores, varejistas, operadores logísticos e governos – devem se unir para encontrar processos que permitam redução dos custos operacionais e utilização sustentável, como a reciclagem, gerando receitas adicionais na cadeia", afirma.

O executivo ressalta ainda que vale mencionar alguns projetos que já contribuem com a captura, a estocagem e a destinação de resíduos. "O Banco Santander e o Pão de Açúcar são exemplos. Se ainda não faturam, pelo menos ganham cada vez mais o res-

peito e admiração de consumidores conscientes. Não se pode esquecer também que os catadores de latas, mesmo que de forma rudimentar, praticam logística reversa e possuem papel fundamental na melhoria das condições sociais de muitas famílias", lembra Sousa, da T Gestiona.

Como cada tipo de produto requer uma operação de distribuição particular, também o transporte na logística reversa fica condicionado a essas singularidades inerentes. "A preocupação começa no carregamento dos resíduos, passa pelo trânsito seguro e vai até o destino final. Os compartimentos devem ser adequados ao tipo de material, pois precisa garantir segurança às pessoas e ao meio ambiente", ensina o executivo. "Um grande desafio é tentarmos conciliar logística de distribuição com logística reversa. Apesar de se apresentar como uma operação complexa, quando possível, a redução nos custos é enorme".

A exemplo do lucro, o custo ainda se mostra oneroso, embora as perspectivas sejam animadoras em virtude da evolução tecnológica, capaz de transformar resíduos em novas matérias-primas e, assim, contrabalançar as contas das operações. O au-

mento de escala da coleta e de reutilização contribuirá para baratear o processo. "Não dá para precisar quando alcançaremos equilíbrio econômico, pois há muitas variáveis relacionadas ao negócio ou ao tipo de material residual, mas do ponto de vista ambiental é evidente que a logística reversa propiciará destinação mais ordenada e controlada, evitando descarte em áreas inadequadas", assinala Sousa, da T Gestiona.

Apesar do baixo número de empresas instaladas no mercado nacional que atuam com logística reversa, o Brasil desponta como um país atento a questão. "Percebe-se um avanço nítido nas ideias e preocupações nos últimos cinco anos e, de forma crescente, empresas e empresários estão aprendendo mais a respeito", afirma Leite, da CLBR.

O CERTO POR MEIOS TORTOS – Embora não caracterize propriamente uma operação logística reversa, o fluxo de reciclagem da lata de alumínio no Brasil serve de exemplo para um processo bem-sucedido, no qual o País surge como líder. De acordo com a Associação Brasileira de Alumínio (ABL), a indústria nacional recicla anualmente mais de 320 mil toneladas do metal. Somente em 2008 foram processadas 165,8 mil toneladas de latas que retornaram ao mercado como recipiente para bebidas, o que representa índice de reaproveitamento de 91,5% ou 12,3 bilhões de unidades produzidas por ano.

Ainda segundo a entidade, a compra de latas usadas injeta perto de R\$ 500 milhões na economia, além de gerar emprego e rendas para cerca de 180 mil pessoas. "Somos recordistas mundiais na coleta e reciclagem de embalagens de alumínio com um processo pulverizado de logística reversa por meio de catadores e sucateiros", admite Marcelo de Sousa, o diretor de logística da T Gestiona. ■

